
A QUE ESCOLA PERTENÇO?

- um guia para quem está se interessando pelo
Buddhismo

por Ricardo Sasaki

© Belo Horizonte: Nalanda, 2004.

Índice:

[Introdução - A Que Escola Pertencço?](#)

[Convenções - Definições de Palavras](#)

[Theravada](#)

[Terra Pura](#)

[Zen](#)

[Tantra](#)

[A Passagem do Mundo Ideal para o Real](#)

[Fazendo Nossa Parte](#)

[O Que Fazer Quando Se Está Só?](#)

[Conclusão](#)

[APÊNDICE A - Breve Guia de Escolas Buddhistas no Brasil](#)

[APÊNDICE B - Listas de Discussão Brasileiras via Internet](#)

[APÊNDICE C - Três Livros de Cada Escola](#)

[APÊNDICE D - Três Livros de Cada Escola \(Mais opiniões\)](#)

A que escola pertença?

O Buddhismo está dividido naquilo que hoje é conhecido como escolas. Iniciantes geralmente pensam que o Buddhismo é um só, e se perguntam freqüentemente por onde começar. O que é ser budhista? Como se iniciar no caminho? Entretanto, como cada escola é muito diferente em suas práticas e métodos doutrinários, logo o iniciante constata que ‘ser budhista’, ou mesmo, ‘por onde começar’, são questões que precisam ser resolvidas a depender da escola que decidem conhecer e seguir. Tradicionalmente é dito que o Buddha, em sua infinita compaixão, ensinou 84.000 ensinamentos, adaptados a cada tipo de seres existentes. Num certo sentido, as diversas escolas são uma amostra dessa infinita compaixão, cada uma talvez mais adaptada para um tipo particular de ser. Logo, a pergunta se coloca: “A que escola pertença?”

Nessas poucas linhas espero dar algumas orientações, caracterizando as diversas escolas, seus métodos e ênfases principais. Com isso, espero que aquele que está se interessando pelo Buddhismo agora, possa ter um primeiro guia geral, apenas um mapa inicial, que jamais poderá substituir o contato real com as várias escolas, mas que dará as primeiras luzes sobre esse assunto tão complexo e crucial. Estou bem consciente que com isso corro o risco de sofrer inúmeras críticas. Sou, na realidade, o primeiro a fazê-las, e, justamente por me dedicar a estudar a história da Tradição Budhista já há anos, sei bem o quão precária seria qualquer tentativa de resumir em poucas páginas as diferenças e desenvolvimento desse labirinto que é a árvore búddhica com seus múltiplos galhos. Certamente faltará mencionar algumas características que os praticantes consideram fundamentais em sua própria escola. Outras vezes, enfatizar um ponto que certas subdivisões de uma escola poderiam não corroborar. Há o risco de se cair num estereótipo anexado a cada escola, distanciando-se da vivência prática que se tem ao freqüentar um centro. Todas as escolas têm subdivisões, e caracterizando-as de modo geral, nem sempre conseguimos fazer jus às diferenças. Mas, no entanto, esse é um trabalho que acredito ser útil. E se há a chance de ajudar aqueles que começam a se interessar pelo colosso que é o Buddhismo, por que não tentar empreender o impossível? Então, minhas duas únicas justificativas para esse artigo são as seguintes. Por circunstâncias do destino, freqüentei e pratiquei na maioria dessas escolas, não ocasionalmente, mas em geral por vários anos. Tais circunstâncias me colocam então numa posição oportuna de alguém que não falará de algo como tendo sido meramente estudado teoricamente e ‘desde fora’. Tendo vivido e praticado nos centros e mosteiros dessas várias escolas, feito amigos e companheiros que até hoje participam significativamente de meu caminho, meu interesse em engrandecer uma escola e rebaixar uma outra é bem menor do que se poderia esperar de alguém obstinadamente aferrado à própria tradição. A segunda justificativa é que escrevo com *anukampā*, uma palavra que na língua pāli expressa o desejo sincero de que algo dado seja de benefício real aos seres. Assim, mesmo que imperfeito, espero que este artigo possa ajudar nos primeiros passos do iniciante.

Convenções

Antes de começar com uma exploração das diferentes escolas porém, gostaria de esclarecer como uso alguns termos aqui. Outras pessoas, é claro, poderão usar os mesmos termos com definições diferentes e, desde que isso se trata sobretudo de convenções, o mais importante é saber o que cada termo significa para aquele autor em particular. Há muitas palavras que são usadas para caracterizar as chamadas ‘escolas’. Tradição, veículo, escola, ordem, linhagem, são alguns dos termos.

Tradição, para mim, é sobretudo uma palavra usada para se referir à "tradição espiritual". Por outro lado, a passagem, quase inconsciente, de costumes culturais, pessoais, étnicos, etc., em oposição a uma transmissão (tradição = aquilo que é trazido) consciente de "valores espirituais através de gerações" (Aurélio), prefiro chamar de costume, ou mesmo, tradicionalismo. Com isso, prefiro entender "tradição" no mesmo sentido de Luc Benoist quando define: "*Convém compreender o que significa este conceito de tradição, geralmente negado, desnaturado ou desconhecido. Não se trata de cor local, de costumes populares, de hábitos curiosos colecionados pelos folcloristas, mas da própria origem mesma das coisas. A tradição é a transmissão de um conjunto de meios consagrados que facilitam a tomada de consciência de princípios imanentes na ordem universal, já que o homem não deu a si mesmo a sua razão de viver. A idéia mais próxima, a mais capaz de evocar o que a palavra significa, seria a de uma filiação espiritual de mestre a discípulo, de uma influência criadora análoga à inspiração, tão consubstancial ao espírito quanto a hereditariedade ao corpo*".

Um outro uso da palavra 'tradição' neste texto porém, será aquele conectado ao conjunto de formas budhistas de um país específico. Falarei então de tradição birmanesa, tradição chinesa, tradição coreana, etc. Fazendo assim, desejarei especificar todas as escolas budhistas de um determinado país ou uma escola budhista específica daquele país, desde seu início até os dias atuais.

'Escola' é um termo de uso mais restrito que o de 'Tradição', sendo definida mais fortemente pela orientação doutrinal e pelo conjunto da prática. Alguns costumam se referir como 'escolas', os cinco conjuntos doutrinários mencionados frequentemente em obras mahāyānas. Elas seriam: vaibhāṣika, sautrāntika, cittamatra (yogacāra) e madhyamika. O Madhyamika, por sua vez, ainda se dividiria em Svatantrika e Prasāṅgika. Dentre elas, a escola Prasāṅgika é considerada superior por alguns. Mas é claro que essa classificação para as escolas não seria possível aceitar, pois exclui boa parte das escolas budhistas existentes hoje. Igualmente, que prasāṅgika seja a "visão final e superior a todas as outras", é, obviamente, a crença apenas daqueles que seguem tal visão, e, é claro, não poderiam deixar de achar que ela é a superior. Mais ainda, essa classificação confunde dois tipos diferentes de classificação sob o mesmo nome de 'escola', como veremos adiante.

Ainda uma outra classificação comum em certos meios budhistas é a de 'veículo' (yāna), que seria um sistema particular de métodos onde cada um leva a um tipo diferente de realização espiritual. A divisão mais comum é entre Hinayāna, Mahāyāna e Vajrayāna. Em alguns lugares se as classifica ainda mais detalhadamente, existindo, segundo eles, nove veículos: śravakayāna, pratyekabuddhayāna, bodhisattvayāna, kriyayogayāna, upayogayāna, yogatantrayāna, mahāyogayāna, anuyogayāna, atiyogayāna.

Essa visão de veículo é muito enfatizada em algumas escolas e nelas pode ser descoberta como algo útil. Para o seguidor budhista de qualquer outra escola, entretanto, ela é de bem pouca utilidade, pelo menos como é apresentada. O primeiro problema está na própria palavra "veículo" e sua divisão ternária, dando a impressão de que há três objetivos propostos pelo Buddha, cada qual progressivamente mais apropriado para seres "mais dotados". Que se fale que o Buddha ensinou algo como "liberação pessoal" parece-me puro *nonsense*. E que ele teria ensinado métodos de liberação mais rápidos que outros, e ainda assim muitos tivessem escolhido os mais vagarosos, outro *nonsense*. Ademais, com raríssimas exceções individuais, todos os budhistas, nessa classificação, fariam parte de algum dos três primeiros veículos, sendo privilégio dos budhistas de escolas que se utilizam desse esquema pertencerem aos seis últimos veículos, justamente os mais superiores. Por fim, para o estudioso interessado em compreender e, assim, melhor mapear o mundo budhista, as palavras usadas para designar os três ou nove veículos, sendo frutos de uma pura incompreensão histórica que foi transformada em categorias interiores de tipos de realização, não conseguem abranger de forma satisfatória a multiplicidade das expressões budhistas no espaço e no tempo. Mas, como lembro

acima, talvez num contexto específico de ensinamento ela pode ser descoberta como algo útil, pelo menos temporariamente.

A palavra ‘linhagem’ entendo como uma especificação intra-escola, aquela de mestre-discípulo. Ela não é exclusiva, e um mesmo indivíduo pode deter linhagens diferentes, e isso ocorre freqüentemente. Linhagens não implicam necessariamente uma transmissão oral contínua. Elos de uma linhagem podem estar separados por décadas ou mesmo séculos e nunca terem se encontrado. A noção de linhagem foi também utilizada freqüentemente como forma de legitimação dos ensinamentos. Ser capaz de traçar sua linhagem desde o Buddha investe o ensinamento de autoridade. Isso, porém, é uma faca de dois gumes: De um lado, serve como uma prova a mais da fidelidade do ensinamento dado; de outro lado, como linhagens podem ser falsificadas, desvirtuadas ou mesmo inventadas, favorece a idiossincrasia dos ensinamentos de um indivíduo passar como se fosse algo aprovado e constante daquela linhagem ou escola em particular. Os que pouco conhecem, compram a estória.

Uma outra classificação que entendo útil é o de ‘ordem’, a ser aplicada no caso do monasticismo. Como o buddhismo comporta uma dimensão monástica para aqueles que resolvem seguir esse caminho, fundamental é o código disciplinar no qual se é ordenado, ou seja, o ‘vinaya’.

Aceita as convenções acima, vejamos quatro casos individuais para exemplificarmos seu uso prático:

1. Arnaldo pratica num Centro Theravāda em que o principal método ensinado pode ser discernido como centrado na observação metódica do levantar e abaixar do braço (não vou entrar em detalhes sobre o porque disso). Podemos dizer, segundo a convenção proposta, que Arnaldo se insere na Tradição Buddhista, da Escola Theravāda, na linhagem de Ajahn Dhammadaro. Se ele fosse se tornar monge, ele se ordenaria no Vinaya Theravāda. Se ele se utiliza, pelo contrário, da observação metódica dos fenômenos materiais e mentais usando como base a respiração, uma possibilidade é que Arnaldo se insira na Tradição Buddhista, da Escola Theravāda, na linhagem de Ajahn Buddhadasa.
2. Carla pratica num Centro Zen em que se pode notar a recitação de textos em japonês e os meditantes se encontram voltados para a parede. Uma possibilidade é que Carla se insira na Tradição Buddhista, da Escola Zen, subdivisão Soto Zen, da linhagem de Taisen Deshimaru (somente como um exemplo).
3. Elaine freqüenta um templo Terra Pura, regulamente recita textos e cânticos em japonês, bem como utiliza a prática do *nembutsu*. Uma possibilidade é que Elaine se insira na Tradição Buddhista, da escola da Terra Pura, subdivisão Verdadeira Terra Pura (Jodoshin), subsubdivisão Higashi Honganji.
4. Dionísio pratica num Centro de Buddhismo Tibetano, utilizando-se de mantras e visualizações. Uma possibilidade é que Dionísio se insira na Tradição Buddhista, da escola Karma Kagyu, da linhagem de Kalu Rinpoche.

No caso de Carla e Dionísio, se desejassem se tornar monges, apesar de se poder dizer que pertenceriam respectivamente à Ordem Zen e Tântrica, eles se ordenariam em Vinayas antigos, provavelmente Dharmaguptaka e Mūlasarvāstivāda. Todas as ‘escolas’, com exceção do Theravāda, se utilizam de Vinayas antigos sobre os quais sobrepueram regras e ritos extras. Isso porque essas escolas, sendo mais modernas que o Theravāda, acrescentaram, modificaram ou substituíram o conjunto doutrinal de escolas antigas, preservando entretanto seu Vinaya, que é a condição *sine qua*

non para que pudessem reivindicar alguma autenticidade. O Theravāda é a única em que o conjunto doutrinal sempre esteve unido ao Vinaya. Esse, aliás, é um dos problemas com a divisão em veículos. Alguns dos elementos da classificação são ordens, outros se referem a métodos e também a pontos de vista filosóficos. Essas três categorias distintas são então (con)fundidas numa única.

Bem, uma vez que a questão das convenções tenha sido esclarecida, podemos passar para nossa pergunta: ‘A que escola pertence?’ Para nossos fins, é suficiente, inicialmente, dividir as escolas budistas em quatro grandes divisões, estando conscientes de que cada uma dessas divisões abrange um número de subdivisões que possuem diferenças entre si. Então, o esboço que farei é necessariamente genérico, mas que, espero, poderá ser útil numa primeira aproximação. Estou consciente de que há outras escolas além desses grandes grupos, mas sua representatividade é bem mais reduzida, a não ser que se tratem de seitas não-ortodoxas. Uma outra característica é que coloco ênfase naquilo em que são diferentes e não naquilo em que se parecem, pois acredito que o iniciante estará mais interessado nas peculiaridades de cada escola, que o ajudarão em sua escolha. A ordem de apresentação segue meramente a cronologia histórica.

Theravāda

A escola mais antiga existente até hoje, sua origem é atribuída, por suas tradições, aos tempos do Buddha, sendo o ensinamento ortodoxo ensinado por ele e ratificado nos primeiros três concílios. Por volta de 100 anos após a morte do Buddha, a Sangha original se separou em duas, sendo uma a Sthaviravāda e a outra a Mahāsaṅghika. No entanto, muito pouco sobrou em termos de evidências históricas a respeito dessa última. Por volta de 250 a.C. dois novos grupos se dividiram do seio Sthaviravāda: o Puggalavāda e o Sarvāstivāda. O Sthaviravāda que foi transmitido para o Sri Lanka passou a ser conhecido sob seu nome em pāli, Theravāda, palavra que significa ‘a posição ou palavra dos theras’. Thera são os monges mais velhos e antigos na Ordem.

A língua sacra em que seu cânon foi transmitido e é preservado até hoje é o pāli, um dialeto indiano, próximo do sânscrito. Do Sri Lanka, o Theravāda expandiu-se para a Birmânia (Myanmar), Tailândia, Laos, Camboja e, com menor força, para o Vietnã, península malaia e Indonésia, países estes que também receberam transmissões de outras escolas vindas do nordeste indiano.

Esta escola está centrada no desenvolvimento de qualidades mentais, na meditação e no estudo. O desenvolvimento de qualidades mentais pode ser resumido como o desenvolvimento de cinco fatores essenciais: a fé, a energia, a vigilância, a concentração e a sabedoria. Esses são os ‘cinco amigos’ que se deve ter por perto. A prática da meditação, geralmente, não consiste de apenas um método, mas num conjunto deles, e cada Centro Theravāda legítimo tem sua própria seleção. Dentre este conjunto, a prática principal centra-se no chamado Satipaṭṭhāna, um conjunto de prática proposto enfaticamente pelo Buddha como a essência do caminho por ele proposto. Práticas complementares podem incluir visualizações, *mantras*, utilização de movimentos corporais, recitações, além de outras. Fundamental na prática é a participação em retiros, períodos intensivos de meditação, que podem ir de um dia a vários meses, e também é comum as entrevistas individuais com o professor.

O estudo é grandemente incentivado, e centra-se em torno do Cânon e de seus Comentários (*Aṭṭhakatha*) tradicionais. Isso é complementado por textos de mestres antigos e contemporâneos. A prática num Centro Theravāda geralmente consiste de recitações de textos sacros (*pūjā*), da prática da meditação (*bhāvanā*) e de palestras sobre o Dhamma (*desanā*).

Terra Pura

Uma distinção crucial deve ser estabelecida de antemão entre a escola em sua manifestação chinesa e sua manifestação japonesa. Enquanto a Terra Pura no Japão consiste de um conjunto de escolas definidas, somente com muita precaução e ressalvas se poderia dizer o mesmo da Terra Pura na China. Aqui, a perspectiva ‘terrapureana’ penetra em todo o Budhismo Chinês, e mescla suas convicções em todas as escolas distintas, a um ponto que chega a ser difícil identificar algo claro e distintamente ‘Terra Pura’ na China. Seu desenvolvimento metodológico se operou principalmente dentro de uma outra escola, a T’ien T’ai, e hoje está inexoravelmente combinada à escola Zen. Essa não é a única diferença entre as escolas chinesa e japonesa, o que comentarei mais a esse respeito adiante.

Conforme a tendência chinesa em formar escolas a partir de uma seleção de sūtras escolhidos como contendo a essência do ensinamento do Buddha, a escola da Terra Pura centra-se ao redor de sūtras que têm como personagem principal o Buddha Amitābha, um Buddha que, segundo esses sūtras, foi tornado conhecido para a humanidade pelo Buddha Shakyamuni, doravante chamado nessa tradição de Buddha Histórico. O Buddha Amitābha, tendo acumulado imensuráveis méritos no passado, proferiu votos de salvar todos os seres sencientes que nele confiassem. Expressão dessa confiança se manifesta na recitação do nome sagrado de Amitābha, recitação chamada de *nien-fo* na China e *nembutsu* no Japão.

Aqui temos uma das grandes diferenças entre a perspectiva chinesa e a japonesa. Para a Terra Pura chinesa, a prática do *nien-fo* coloca o indivíduo em ressonância (*ganying*) com o Poder de Amitābha, que passa a atuar juntamente com o esforço individual. A prática, que consiste não apenas da recitação o mais freqüente possível, mas também de visualizações, é uma busca por esse entrar em sintonia com o Poder do Outro.

Já na tradição japonesa, e mais especificamente na subdivisão Verdadeira Escola da Terra Pura (Jodoshin), a fé (*shinjin*) é o fundamental, sendo a confiança absoluta no Poder Misericordioso de Amitābha, o centro da prática e não qualquer esforço por parte do indivíduo. Enquanto que a Terra Pura chinesa prevê um trabalho conjunto de esforço próprio e poder de Amitābha, a Terra Pura japonesa, em particular aquela de Shinran, centra-se no absoluto do Poder de Amitābha.

Os sūtras mahāyānas (que têm uma natureza diferente daquela dos suttas antigos) que mencionam Amitābha são originários da Índia, provavelmente compostos entre 100 a.C e 100 d.C. Nāgārjuna, Asanga e Vasubandhu, os idealizadores dos dois sistemas filosóficos – Mādhyamika e Yogacāra - que serviram de suporte teórico para o nascente movimento Mahāyāna, mencionam a prática da Terra Pura entre seus escritos e são considerados ‘patriarcas’ pelas tradições da Terra Pura. Entretanto o impulso efetivo para essa escola foi o início da composição de comentários chineses a esses sūtras a partir do quinto século d.C.

Os estudos centram-se nos sūtras que mencionam Amitābha, como o *Sūtra da Vida Infinita*, o *Sūtra da Meditação* e o *Amida Sūtra*, e na obra de comentadores e fundadores de escolas nacionais. A prática num Centro Terra Pura raramente consiste da recitação do *nien-fo/nembutsu* em conjunto, que é mais uma prática individual, mas geralmente consiste de recitações de textos compostos pelos diversos ‘patriarcas’, de discussões em grupo sobre os textos da tradição e de palestras sobre a Doutrina.

Zen

As tradições Zen atribuem seu início a uma transmissão coração a coração que teria ocorrido entre o Buddha e um de seus discípulos principais, Mahākāśyapa. A partir daí, numa sucessão de mestres, o Zen foi transmitido até os dias de hoje. Historicamente, contudo, o que veio a ser caracteristicamente chamado de Zen foi um ensinamento atribuído a Bodhidharma, um monge indiano que veio à China no século sexto d.C. A partir de seus discípulos, vários tipos diferentes de 'Zen', palavra que significa simplesmente 'meditação', acabaram surgindo. O Zen é diferente em estilo nos diferentes países em que se encontra: China, Coréia, Japão e Vietnã. Assim como as outras escolas budistas, à medida que se enraíza no ocidente, ele também se adapta e se modifica às novas condições.

Como seu próprio nome indica, o Zen centra-se na prática da meditação sentada (*zazen*) que é praticada segundo dois estilos principais. Um é aquele com o uso de *koans* - frases e/ou histórias freqüentemente paradoxais e aparentemente absurdas -, aos quais o praticante deve voltar sua completa atenção. O outro estilo, onde o uso do *koan* é mais reduzido e mais uma matéria de estudo do que a ser utilizado enquanto método meditativo, centra-se na prática silenciosa, na busca do estar atento a todas as coisas percebendo a vacuidade de substância em todos os fenômenos. Nesse segundo estilo, típico do Soto Zen japonês, o Zen se aproxima da escola Theravāda, porém nesta última os ensinamentos sobre meditação são mais metódicos e ensinados gradualmente, enquanto que o Zen depende de uma prática contínua e dedicada em torno de instruções relativamente simples. Ambos os estilos (exemplificados pelas escolas japonesas Rinzai e Soto respectivamente) também utilizam uma prática de concentração preliminar à prática principal. Práticas complementares são a meditação andando e as recitações. Um lugar importante também é ocupado pelas entrevistas individuais com o professor (*dokusan*) e suas palestras sobre o Dharma (*teishō*). Fundamental na prática Zen são os retiros (*sesshin*), que podem variar de um dia até vários meses, como os retiros do Theravāda.

O estudo no Zen não é formalmente encorajado, seguindo a mitologia própria da transmissão coração a coração. Na prática, o estudo é centrado principalmente na obra dos 'patriarcas' e fundadores locais do Zen, bem como na obra de mestres contemporâneos. Muitos também gostam de ler e refletir sobre *koans*, mesmo que estes não façam parte de sua tradição em particular.

A prática num Centro Zen geralmente consiste de recitações de textos sacros (particularmente o *Sūtra do Coração* e trechos de outros sūtras e comentários), da prática da meditação sentada e andando (*zazen* e *kinhin*) e de palestras sobre o Dharma (*teishō*).

Tantra

As primeiras manifestações do Budismo Tântrico podem ser encontradas na Índia do sexto século d.C. Surgindo ao mesmo tempo em que o Tantra Hindu, há uma discussão interminável sobre a origem do Tantra e as influências em jogo em seu aparecimento. A partir da dinastia Pāla de Bengala no século oito d.C., o Budismo Tântrico se expande também para a China, Japão, Tibet e Sudeste Asiático. O Tantra, que o Budismo Tibetano é o exemplo mais conhecido, faz uso extensivo das visualizações, *mantras* e *mudrās*. Essas técnicas existem em outras formas de Budismo, mas aqui atingem o ápice de sua especialização e aplicação.

Uma outra característica marcante do Budismo Tântrico é a importância fundamental de se ter um mestre (*guru*), sendo ele o foco de uma das práticas mais comuns em todas as escolas tântricas,

o *guruyoga*. O mestre deve ser visualizado e tomado como um ser absolutamente perfeito para que o método que ensina possa de fato ter efeito. Esse tipo de visualização é subseqüentemente estendido a todos os seres, contemplados então como essencialmente puros e imaculados. A construção dessa realidade ideal (*maṇḍala*) é gerada através dos cânticos, repetições de *mantras* e visualização meditativa. Os métodos, para serem usados com eficácia, devem ser antecedidos por uma iniciação, que 'autoriza' o indivíduo a praticá-los. É comum que um praticante acumule um número de iniciações, podendo assim praticar métodos diferentes.

Apesar de cada escola desenvolver uma forma própria, incluindo textos e métodos próprios, o desenvolvimento passa razoavelmente por um esquema comum de duas etapas: as práticas preliminares (*sngon 'gro*) externas (com contemplações sobre a natureza do mundo saṃ sārico) e internas (um conjunto de práticas que vai desde a tomada de refúgio no Buddhismo e no Guru até a prática do *guruyoga* propriamente dita); e a prática principal (*dngos gzhi*) - com suas três fases: geração, perfeição e grande perfeição (sendo a última fase nomeada diferente dependendo da escola. Grande perfeição é o nome na escola Nyingma). Sendo assim, a fé no mestre se eleva a um estágio somente vislumbrado talvez na escola Rinzaï Zen, onde o mestre doador do *koan* também é essencial, mas num sentido diferente ali. A importância do mestre no Buddhismo Tântrico se reflete em suas várias práticas e dificilmente se poderia pensar numa praticante de Buddhismo Tibetano não pertencente a uma comunidade específica de um mestre. Esse, repito, é apenas um esquema geral que comporta variações dependendo das escolas.

[A Passagem do Mundo Ideal para o Real](#)

Para aquele que começa a se interessar pelo Buddhismo e considerar a ação de sair do mundo das leituras para freqüentar um grupo de prática, alguns obstáculos podem ser vislumbrados. O mundo ideal dos livros é diferente na prática. Centros, templos e grupos budhistas são freqüentados por estranhas criaturas conhecidas na língua pāli como *manussasantati*, uma espécie de seres que habita um caótico mundo chamado *manussaloka*. Conhecidos no ocidente sob o nome de *homo sapiens*, nem sempre se comportam com a sabedoria que seu nome poderia supor.

Conjurado por encantamentos vindos do mundo ideal das leituras, o iniciante irá encontrar vários desafios em sua busca. Os diversos centros, templos e grupos infelizmente não são todos iguais. Digo 'infelizmente' porque isso torna o trabalho daquele que está iniciando mais difícil, mas, é claro, há vantagens no fato dos centros serem diferentes, oferecendo assim uma diversidade maior de escolhas. Mas, para quem deseja conhecer, a solução final será mesmo visitar este ou aquele centro, consciente entretanto de que mesmo pertencente 'teoricamente' a uma mesma escola, eles podem ser muito diferentes entre si. E uma vez que são tão diferentes não importará o quanto você saiba de antemão sobre eles e sobre as escolas que teoricamente eles 'representariam', o que você encontrará ainda irá surpreendê-lo.

Uns incentivam estudo, outros prática, outros ação social; as práticas são diferentes, a qualidade dos estudos também; uns são mais populares, outros mais refinados, outros mais elitistas, outros mais sérios, outros mais me-engana-que-eu-gosto; uns mais organizados, outros uma bandalheira, uns populosos, outros semi-desertos; uns com moral, outros amorais, outros imorais; uns bons para se fazer amigos e se divertir, outros para aprender o que é o Dharma, outros para se aprender o que o Dharma não é.

Se por um lado ninguém vai ser capaz de dizer a você quais são todas as diferenças, uma coisa valerá seu esforço antecipado: ser capaz de identificar mais rapidamente a falsidade do legítimo, a festa do trabalho sério. Nem sempre isso é fácil. Linhagens podem ser falsificadas, o que está escrito nos *sites* e brochuras nem sempre é verdadeiro, indivíduos quase sem nenhuma experiência podem abrir centros e se apoiar na falta de conhecimento daquela escola específica para angariar adeptos e passar suas próprias idéias e devaneios como se fossem legítimos. Uma coisa é possível adiantar a respeito da questão das diferenças entre centros e grupos budistas: certamente tudo não é a mesma coisa, e certamente o resultado não será o mesmo em qualquer lugar. Considere o Dharma como um pãozinho francês: certamente ele não é o mesmo em qualquer padaria.

Fazendo Nossa Parte

Mas caso se encontre um centro, templo ou grupo sério, basta freqüentá-lo? Ao mesmo tempo em que todas as tradições budistas indicam a importância do professor e do ambiente apropriado de ensino que ele organiza ao seu redor, uma atenção especial deveria ser ao próprio processo de aprendizado. Chamo isto de 'aprender a aprender'. Acostumados a sempre receber as coisas prontas (quanto mais pronto e rápido para consumo, melhor), por vezes confiamos excessivamente no professor, na escola, ou mesmo no livro, para nos prover de imediato aquilo que almejamos. O professor passa a ser visto como aquele que pode apontar a 'natureza da própria mente' do aluno; a escola (templo ou mosteiro) como o ambiente único de aprendizado correto; e os livros como aqueles que nos darão todas as respostas que precisamos conhecer. Ao mesmo tempo, negligenciamos nosso próprio papel nesse tão valioso processo que é o aprendizado sobre nós mesmos. O que é aquilo que trazemos para essa relação educacional? Estamos atentos ao nosso dever e somos ativos no processo, ou nos comportamos no caminho como apressados consumidores de comida congelada (com seus microondas servisais prontos para nos servir) sem termos trabalho algum? É possível aprender muito observando a nós mesmos e como reagimos aos desafios que a vida nos oferece. Todas as coisas se tornam nossos professores então, e mesmo nossos professores formais se tornam professores melhores, pelo simples fato de que passamos a utilizar a inteligência e a reflexão sábia como formas de nos relacionar com tudo ao nosso redor.

Para que serve um professor então? Aprender a aprender não é algo tão fácil. Aprender o quê? Olhar para onde? O que procurar? O professor adequado - com ampla experiência naquilo que se propõe a fazer -, a escola e os livros, aparecem então no seu melhor papel: como guias, e não como depositários de respostas. Por onde começar a estudar, qual o esquema geral do caminho, quais as prioridades que devem ser atendidas em primeiro lugar, todas essas são questões que levam tempo, dedicação e experiência para serem melhor entendidas. À medida que aprendemos a observar e a saber o quê buscar, também nosso horizonte educacional se expande. Professores e escolas passam a ser encontrados em mais lugares, praticamente tudo passa a ser um professor em potencial, pois começamos a saber o que ver.

A prontidão da mente aberta e atenta transforma todos os seres em mestres. Fracassar em perceber essa lição pode nos levar na direção oposta daquela indicada pelo Buddha, apesar de pensarmos que estamos praticando bem o Dharma. Podemos acabar submergindo num grupo de adoradores deste ou daquele 'mestre', com suas iniciações secretas e especiais, ou com seus peculiares maneirismos, um novo sistema de castas e clãs (mais conhecidos como 'panelas') de pessoas 'especiais' porque fizeram este ou aquele retiro, iniciação ou prática, objetos de inveja e admiração dos que 'apenas estão entrando na senda'. Aqui começa o culto e termina o caminho; inicia-se a arrogância e termina-se o trabalho de extinção das aflições e impurezas mentais.

O Que Fazer Quando Se Está Só?

Uma das dificuldades para aqueles que iniciam estudos no Budhismo é a situação de se encontrar só, tendo que estudar somente por meio de livros, sem ninguém para conversar. Mesmo quando se tem um grupo, muitas vezes a prática pessoal acaba caindo numa monotonia por falta de estímulos. Para isso, uma das melhores soluções é a de encontrar um centro buddhista legítimo perto de você ou um grupo de estudos e prática. É importante este contato: trocar idéias, praticar junto. Mas, e se não existe nada em sua cidade? Bem, porque não iniciar um pequeno grupo? Sem pompa, nem circunstância, entre em contato com amigos que possam ter interesses similares. Tomem um bom livro como guia, leiam cada capítulo e discutam. Alguns têm instruções básicas de meditação que podem começar a ser praticadas. Use também as listas de discussão via internet (indico algumas no Apêndice B) para esclarecer suas dúvidas, integre-as na sua prática. Quando ficar sabendo de algum retiro, esforce-se por participar, não importando qual tradição. Para quem está começando, isso não é tão importante. Há muitas formas de se começar e freqüentemente são melhores do que estudar sozinho.

É importante lembrar que um dos motivos de ser difícil levar a prática buddhista adiante, é o mesmo motivo do porquê no Brasil tudo ser muito difícil. Isto pode ser sintetizado numa palavra: Iniciativa. Ou melhor, falta dela. Notemos como mesmo uma lista de discussão funciona, em qualquer lugar do mundo. Quem freqüenta tais listas (de não importa qual tema) pode notar facilmente que sempre há muitos inscritos, mas apenas alguns participam. Afetuosamente os 'observadores' são chamados de 'corujas'. Queremos ouvir, ler, aprender. Ótimo! Mas o outro lado da moeda é compartilhar, colaborar, discutir. Lidamos da mesma forma quando participamos de cursos. A maioria senta-se no fundo, escutando. Poucos são os que fazem perguntas, comentários, sugestões. Sentar-se na frente é até considerado ruim por alguns (não é curioso que cdf's, que querem de fato aprender, sejam ridicularizados por seus colegas?).

O que isso tem a ver com o tema? Bem, se você quer sair do lugar é preciso se mover, iniciar. Esperar alguém mandar um texto, fundar um grupo, esperar o excelso Budhismo instalar um centro na casa da esquina não vai adiantar. Acredite: com 90 anos, você ainda vai estar esperando... Freqüentemente escuto pessoas dizendo que ainda não é possível iniciar-se no Budhismo pois não há nenhum grupo em seu bairro. E pensar que os peregrinos chineses de antigamente atravessavam o deserto de Gobi e as cordilheiras dos Himalayas para chegar na Índia e estudar o Dharma!

É preciso sair da dependência do outro. O outro é importante. Para compartilhar, ajudar, colaborar. Mas não para fazer o trabalho que é de cada um. Por mais duro que seja reconhecer, o caminho não é para os tímidos. Como diz Chogyam Trungpa: o caminho é para os guerreiros espirituais. Se o Buddha estivesse pregando na pracinha ao lado, não iríamos visitá-lo por timidez??? Não há livros? (Concordo que são caros). Vá à biblioteca, peça emprestado, divida com amigos. Tem acesso à internet? Então há milhares de textos e materiais disponíveis. Ah, mas a maioria é em inglês...

Ora, aprendamos! Você vai morrer antes de traduzirem aquele livro que pode ser fundamental para o seu caminho. Não entendeu algo, pergunte para quem você considere que saiba um pouco mais que você. Não tem ninguém assim em sua cidade? Para que servem cartas e email? Faça anotações, resumos, releia, converse com outros. No Cristianismo, há um livro chamado "A Imitação de Cristo". O Buddha exemplificou o árduo trabalho de busca por anos sem descanso. E após o Despertar trabalhou por 45 anos ajudando os seres a acordar. Não se poderia esperar nada menos de quem deseja segui-lo.

Caso more numa cidade em que não haja nenhum grupo de sua escola preferida, pense em freqüentar o de uma outra escola. Quem sabe não se surpreenderá com o que encontrar? E se não

houver qualquer grupo budhista em sua região ou se sentir que as opções existentes de outras escolas não atendem ao que você almeja e se interessa, como foi dito no começo dessa seção, pense em iniciar um pequeno grupo com amigos e pessoas afins. Com o tempo, se houver interesse, podem mesmo entrar em contato com algum centro legítimo daquela tradição, pedindo por orientações e auxílio. Alguns centros e templos estão abertos a esse tipo de suporte, e pode ser muito interessante contar com uma sustentação continuada de sua prática vinda de centros organizados e professores autorizados nas tradições específicas. À medida que mais pessoas se interessem, o grupo também pode pensar em convidar professores e instrutores para atividades de prática mais intensa e compacta, servindo como impulso renovado para a prática regular. Seja como for, não fique parado. Estude, pratique, aplique na vida.

Conclusão

No início desse artigo disse que, num certo sentido, as diversas escolas são uma amostra da infinita compaixão do Buddha, cada uma talvez mais adaptada para um tipo particular de pessoa. Mas creio que essa é uma frase que pode ser melhor escrita. Se é verdade hoje que todas as escolas estão ‘disponíveis’ para o público em geral, é um fato que em cada país e período histórico apenas algumas poucas se faziam presentes, ou mesmo uma única. Onde estaria então a compaixão do Buddha em não providenciar que todas as abordagens possíveis estivessem disponíveis em todos os países e em todos os períodos históricos? Creio que a compaixão do Buddha é maior do que isso, e o modo como prefiro ver as coisas é o de acreditar que cada escola contém, na verdade, todos os métodos e abordagens necessárias para qualquer tipo de pessoa. A compaixão não seria compaixão verdadeira se apenas o período em que estamos, em sua oferta quase caótica de tantos caminhos, fosse aquele em que todas as personalidades pudessem encontrar seu nicho próprio. Cada escola, em seus países e épocas específicas, é capaz de oferecer múltiplos métodos. E isso é feito por um contínuo mergulhar nas fontes do Dharma, redescobrimo sempre ‘novos’ métodos antigos, desdobrando abordagens numa constante adaptação aos seres do tempo e espaço em questão. Tudo está contido no Dharma original. E sempre esteve.

Dhammacārya Ricardo Sasaki
(Upāsaka Dhanapala)
Centro Budhista Nalanda
(*Nalanda Bauddha Madhyasthanaya*)

© 2004 - Este artigo se encontra disponível no *site*: <http://nalanda.org.br/> e pode estar sujeito a modificações futuras.

A disponibilização em outros *sites* é permitida desde que conservado o formato integral, em PDF, e com citação da fonte e *site* original. Sua localização é: <http://nalanda.org.br/sala-de-estudos/dhanapala/a-que-escola-pertenco>

Comentários, críticas e sugestões são bem-vindos e podem ser dirigidos a: ricardo(ARROBA)nalanda.org.br

APÊNDICE A

Breve guia de escolas budhistas no Brasil

Desde sua tímida introdução através da imigração japonesa ao Brasil no começo do século XX, o Budhismo tem se expandido gradualmente em nosso solo. Algumas regiões, favorecidas seja pelas ondas de imigração, seja por serem centros mais cosmopolitas, apresentam mais centros, templos e grupos que outras. A tendência é que essa expansão continue, gradualmente, passo a passo. A seguir dou alguns exemplos de locais de prática que conheço pessoalmente e que podem servir de entrada para o aspirante que se identificou com essa ou aquela escola.

Theravāda

O Comunidade Budhista Nalanda (<http://www.nalanda.org.br>) em Belo Horizonte (com grupos de prática em São Paulo, Curitiba, Aracaju e Recife) é um centro Theravāda ligado à tradição thai-birmanesa, provendo diversos serviços à comunidade, como cursos, prática semanal, retiros de prática intensiva de meditação, cursos e textos online.

Terra Pura

As duas maiores denominações pertencem à subdivisão Jodo Shin (Verdadeira Terra Pura) da tradição japonesa. O Higashi Honganji (<http://honganji.dharmanet.com.br/higashi.htm>) e o Honpa (ou Nishi) Honganji (<http://www.terrapura.org.br/>) possuem vários templos espalhados principalmente na região sudeste do Brasil, e também com uma presença no Distrito Federal. Originárias e ainda fortemente ligadas à comunidade étnica japonesa, o que se manifesta no grande número de templos liderados por sacerdotes que nem sempre se expressam bem na língua portuguesa, os templos da Terra Pura têm recentemente realizado um trabalho auspicioso de renovação, atraindo participantes não ligados à etnia oriental através de suas palestras e rodas de discussão.

Uma outra manifestação da Terra Pura, que entra contudo naquela difícil zona de classificação das tradições chinesas são os templos chineses que agora começam a surgir, ligados a templos de Taiwan. Um crescente interesse em prover atividades sociais não necessariamente ligadas à etnia chinesa se faz sentir gradualmente. Fica entretanto o alerta, já manifesto na seção dessa escola, que igualmente poderíamos classificar esses templos chineses como pertencentes ao Zen (Ch'an em chinês).

Zen

Há vários grupos e *zendôs* (salas de zen) espalhados por todo o território nacional. Na sua grande maioria estão conectados, alguns mais fortemente, outros mais idealmente, à tradição japonesa, mais especificamente ao Soto Zen. A história do Zen japonês no Brasil é uma de muitos altos e baixos, e as opiniões sobre a proporção dos altos e baixos divergem. Os grupos existentes, ligados ou já

separados, tiveram seu ponto de apoio inicial basicamente de uma mesma organização central, representada pela [Comunidade Soto Zen Shu](http://www.sotozen.org.br/) (http://www.sotozen.org.br/) de São Paulo, mas os diversos grupos apresentam diferentes tipos de relação com a autoridade central. Há também dezenas de pequenos grupos não necessariamente ligados oficialmente, mas apenas idealmente.

Uma recente e auspiciosa chegada ao mundo Zen brasileiro é a introdução do [Zen Vietnamita](http://www.geocities.com/Heartland/2630/) (http://www.geocities.com/Heartland/2630/) e do [Zen Coreano](http://www.geocities.com/umgm594/) (http://www.geocities.com/umgm594/), que por suas características próprias promete trazer uma abordagem diferente do estilo mais nipônico do Zen conhecido pelos brasileiros.

Tantra

Vários grupos e centros ligados às quatro principais escolas tibetanas estão espalhados pelo território brasileiro. As escolas Nyingma, Sakya, Kagyu e Gelug, são bem representadas em muitas capitais. Como entretanto cada uma dessas escolas pode ter centros de diferentes linhagens, abstenho-me de indicar links específicos para não correr o risco de citar um centro de uma linhagem omitindo o de uma outra.. O Tantra japonês tem pouca representatividade, mas existe sob o nome Shingon.

Mais algumas Fontes:

Na internet, além dos *sites* pertencentes a centros específicos, e aqueles já citados, é possível encontrar ainda algumas boas opções de pesquisa.

[Chung Tao](http://www.chungtao.com/) (http://www.chungtao.com/) - oferece uma boa seleção de *suttas* (Theravāda) e sūtras (Mahāyāna).

[Daissen Zendo](http://www.chalegre.com.br/zendo) (http://www.chalegre.com.br/zendo) - oferece mais de 300 perguntas e respostas que, embora escritas de um ponto de vista do Soto Zen, são aplicáveis, em sua maioria, ao Buddhismo em geral.

[Dharmanet](http://www.dharmanet.com.br) (http://www.dharmanet.com.br) - e, é claro, não se poderia esquecer do Dharmanet que, com o tempo, se tornou o grande portal do Buddhismo brasileiro, contendo uma riqueza de recursos de textos e multimídia.

APÊNDICE B

Listas de discussão brasileiras via internet

Uma lista de discussão é um grande modo de fazer amizades, trocar idéias e compartilhar informações com pessoas afins ao nosso tema de interesse. Se você se interessa por Buddhismo, essa é uma oportunidade de conversar sobre o Dhamma/Dharma em sua língua mãe. Há várias listas atualmente. Aqui, cito listas afins, que compartilham de uma pauta semelhante em termos de regras de moderação e conduta.

Buddhismo-L - lista genérica de discussão budhista.

Criada no início de 1998 por Ricardo Sasaki, Buddhismo -L foi a primeira lista de discussão via internet sobre o Buddhismo em língua portuguesa. É uma lista para estudos e discussão do Buddhismo em todas as suas linhagens, aberta para aqueles que são iniciantes bem como mais experientes.

Atuais Moderadores: Ricardo Sasaki, Cláudio Miklos, Elton Melo

Para se inscrever: listabuddhismo-subscribe@yahoogroups.com

Para sair: listabuddhismo-unsubscribe@yahoogroups.com

Theravada-L - lista de discussão sobre o Buddhismo Theravada.

Lista dedicada a mensagens relativas à escola Theravada, além de informações sobre retiros e textos traduzidos dessa tradição.

Moderador: Ricardo Sasaki

Para se inscrever: sudhamma-subscribe@yahoogroups.com

Para sair: sudhamma-unsubscribe@yahoogroups.com

Budismo_Shin-L - lista de discussão sobre o Buddhismo da Terra Pura.

Lista dedicada a mensagens relativas à escola da Terra Pura, e mais especificamente ao Jodo Shin japonês, criada pelo Reverendo Wagner Bronzeri.

Moderador: Wagner Bronzeri

Para se inscrever: budismo_Shin-subscribe@yahoogrupos.com.br

Para sair: budismo_Shin-unsubscribe@yahoogroups.com

Zen ZhongDao - lista de discussão sobre o Buddhismo Zen.

Criada em 1999 por Cláudio Miklos, a lista ZhongDao (previamente chamada ChungTao) abriga interessantes discussões sobre os diversos aspectos do Zen.

Moderador: Cláudio Miklos

Para se inscrever: chungtao-subscribe@yahogroups.com

Para sair: chungtao-unsubscribe@yahogroups.com

Vajrayana-L - lista de discussão sobre o **Buddhismo Vajrayana**.

Criada inicialmente por Elton Melo e Maurício Ghigonetto, os idealizadores do Dharmanet, tem agora Dolma Lhamo como moderadora. Dedicar-se primariamente a discussões e textos do **Buddhismo Tibetano**.

Para se inscrever: vajrayana-subscribe@yahogroups.com

Para sair: vajrayana-unsubscribe@yahogroups.com

APÊNDICE C

Três Livros de Cada Escola

Eis aqui minha sugestão para os primeiros três livros que você deveria ler sobre cada escola. Tentei escolher entre os mais facilmente disponíveis na língua portuguesa, e aqueles que falam mais especificamente sobre a perspectiva particular daquela escola. Certamente estarei cometendo injustiças e omissões. Há muitos autores dessas escolas com livros excelentes, mas cujo tópico é mais genérico e portanto aplicáveis ao Budhismo em geral.

Theravada

Buddhadasa, Ajahn. *A Causa do Sofrimento na Perspectiva Budhista*. Ed. Nalanda.

Goldstein, Joseph & Kornfield, Jack. *Buscando a Essência da Sabedoria*. Ed. Roca.

Bodhi, Bhikkhu. *Pensando o Budhismo*. Ed. Nalanda.

Terra Pura

Yui-em. *Tannishô*. Ed. IBEM e Roswitha Kempf Editores.

Kubose, Gyomay. *O Centro Dentro de Nós*. Ed. Nalanda.

Shinran. *Shoshingê*. Ed. Centro Internacional de Hongwanji.

Zen

Suzuki, Shunryu. *Mente Zen, Mente de Principiante*. Ed. Palas Athena.

Kapleau, Phillip. *Os Três Pilares do Zen*. Ed. Villa Rica.

Sahn, Seung. *A Bússola do Zen*. Ed. Bodigaya.

Tantra

Evans-Wentz, W.Y. *Milarepa - História de um Yogi Tibetano*. Ed. Pensamento.

Anderson, Walt. *Segredos Desvelados*. Ed. Francisco Alves.

Farrer-Halls, Gill. *Dalai Lama - Sua Vida, seu Povo e sua Visão*. Ed. Madras.

APÊNDICE D

Três Livros de Cada Escola (Outras Opiniões)

Pedi que alguns amigos, todos eles professores ou estudiosos dessas escolas, fizessem uma nova sugestão de três livros que aconselhariam para alguém que estivesse iniciando. Apurada a votação, eis os resultados:

Theravada

Chah, Ajahn. *Uma Tranqüila Lagoa na Floresta*. Ed. Pensamento

Cohen, Nissim (tr.) *O Dhammapada*. Ed. Palas Athena.

Buddhadasa, Ajahn. *48 Respostas Sobre o Buddhismo*. Ed. Nalanda.

Terra Pura

Kubose, Gyomay. *Budismo Essencial*. Ed. Axis Mundi/Budagaya.

Hirose, Takashi. *Caminho do Discípulo*. Ed. Budagaya.

Budismo da Terra Pura: Um Guia. Ed. Comissão de Tradução Honpa Hongwanji.

Zen

Suzuki, Shunryu. *Mente Zen, Mente de Principiante*. Ed. Palas Athena.

Deshimaru, Taisen. *O Anel do Caminho: Palavras do Mestre Zen*. Ed. Pensamento.

Katagiri, Dainen. *Retornando ao Silêncio*. Ed. Pensamento.

Tantra

Rinpoche, Chagdud Tulku. *Portões da Prática Budista*. Ed. Chagdud Gonpa.

Rinpoche, Kalu. *Ensinaamentos Fundamentais do Budismo Tibetano*. Ed. ShiSil.

Lama, Dalai. *O Mundo do Budismo Tibetano*. Ed. Nova Fronteira.